

## A responsabilidade dos educadores

Júlio Penna Fedre

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

BIESTA, Gert. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Trad. Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2013. Título Original: *Beyond Learning: Democratic education for a human future*.

O livro *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*, de Gert Biesta, é o resultado do somatório de inúmeros artigos, capítulos de livros e apresentações do autor. Assim reunidas, tais ideias pretendem figurar como uma teoria da educação, outro modo de pensá-la, contudo a obra é toda construída sobre o pensamento de outros autores que serão destacados ao longo dessa resenha.

O autor deixa claro que, mesmo em se tratando de um livro que é embasado em teorias filosóficas, não se dirige a teóricos e sim aos educadores para que estes, ao final da leitura, possam basear suas práticas educacionais e responder, por si mesmos, às questões propostas no texto.

No prólogo, Biesta trata da complexa questão da definição de ser humano e humanidade e coloca que, acima de tudo, essa questão é posta em sua obra no âmbito educacional. Dessa forma, a educação traz a ideia de intervir na vida das pessoas e torná-las seres humanos mais agradáveis, proporcionando sua aderência ao ambiente sociocultural. Entretanto, tomando apenas esse ponto de vista, a educação pode excluir e reproduzir desigualdades. Portanto, ela deveria ter como tarefa disciplinar, treinar e socializar moralmente a *humanidade* do indivíduo.

No primeiro capítulo, intitulado “Contra a aprendizagem: recuperando uma linguagem para a educação numa era da aprendizagem”, Biesta deseja contribuir para uma linguagem de educação que parte da premissa de que essa mesma educação influencia no que pode ser dito e feito, ultrapassando

a linguagem da aprendizagem, enquanto recupera a linguagem da educação para a educação. O autor postula que o conceito de educação foi engolido pelo de aprendizagem, que tornou-se, agora, o centro da educação. Gert Biesta nos apresenta, então, o surgimento da nova linguagem da aprendizagem, que deve ser compreendida, como poderá ser observado adiante, como uma série de diferentes desenvolvimentos não intencionais da sociedade, dividida em quatro tipos: a primeira linguagem é aquela que trata da aprendizagem construída pelo próprio educando; a segunda diz respeito à educação como herança do Iluminismo, embasada no pensamento racional e crítico; uma terceira interfere na educação adulta por meio de diversos canais formais e não formais de educação e a última é aquela ligada à erosão do estado de bem-estar social. O ponto positivo das linguagens encontra-se em seu impacto nas práticas educacionais e no aumento de oportunidades para a aprendizagem. Nesse sentido, é melhor estar com ela do que sem. Porém, essa nova forma de aprendizagem está ligada ao pensamento neoliberal, a partir do momento em que passa a ser tratada como uma troca econômica, ou seja, os pais – ou o educando – compram o tipo de educação que pretendem que seus filhos tenham, pagando, em troca, determinado valor. Biesta não ignora nem descarta a ideia de que as pessoas podem escolher o que querem aprender e o que querem para si e seus entes, contudo não demonstra sua opinião a esse respeito na obra.

Dessa forma, porém, a educação se sujeita ao mercado, tornando-se importante propor questões *educacionais* para a educação. Assim, no decorrer do capítulo, o autor apresenta o que seriam tais questões educacionais, investigando a forma como os seres podem vir ao mundo *único e singular* por meio das relações educacionais embasadas em três conceitos, como exposto a seguir. O conceito da confiança diz respeito às relações educacionais permeadas de riscos e desafios nesse sentido: o aluno

pode aprender o que ele busca, aprender além do que esperava e ainda adquire conhecimentos tais que ele não queria ou não estava esperando aprender; à luz desse viés, o educando tem consigo apenas a confiança, pois não tem ideia do que vai aprender, uma vez que o aprendizado pode ir além de suas expectativas e dos conteúdos programáticos oferecidos ou vendidos a ele. O segundo conceito é o da violência transcendental, segundo o qual a educação tem relação com o externo, que interfere de forma contundente na vida dos estudantes. Essa interferência se dá de forma metafísica entre o aluno e o professor: o primeiro recebe aquilo que é externo a si por meio do seu mestre e responde aquilo que lhe foi transmitido; é esse o sentido de violência proposto pelo autor. No terceiro conceito, o de responsabilidade, o autor argumenta que os educadores não têm conhecimento dos educandos pelos quais ele deve se responsabilizar e não tem clareza a respeito daquilo que resultará dessa influência. Dessa forma, a responsabilidade do professor é, de acordo com Biesta, sem limites, tornando-se impossível que ele saiba o que tal responsabilidade acarretará no futuro de seus alunos.

Biesta passa, então, a construir sua visão da educação desconsiderando-a como um processo de produção da subjetividade e de sujeitos racionais autônomos, considerando necessário, para isso, superar o humanismo enraizado na educação. O autor começa o segundo capítulo sugerindo, como modo de realizar essa superação na educação, o abandono da ideia de sujeito humano, o que não significa que defenda o fim do homem. Aqui, Biesta critica a ideia do humanismo e sua pretensão de definir em que consiste a humanidade dos seres humanos, colocando-se como crítico da ideia de que se pode definir a essência do que é ser humano à luz de tal proposição; pensa que, no lugar de se buscar a essência do ser humano, seria melhor perguntar onde o ser humano, como indivíduo único, se torna presente, não em sua presença física, mas sim como um ser singular

entre outros seres únicos, considerando que essa presença, essa chegada ao mundo, não acontece isoladamente. Para que se dê a introdução de um ser no mundo, é necessário que outros assumam esses inícios de forma imprevisível, sem traçar a vida do primeiro, afirma Biesta, amparado nos conceitos de Hannah Arendt. Pois é só assim que um novo ser pode iniciar-se em um mundo já povoado por outros iniciadores, um mundo de pluralidade e diferenças, onde só poderemos agir se os outros também forem capazes de assim fazê-lo. Assim, de Emmanuel Levinas, o autor empresta a ideia central de espaço intersubjetivo para a acolhida de *novos inícios*, noção segundo a qual o estar-no-mundo primordial é um estar-no-mundo-com-outros, concluindo que somos com o outro antes de sermos com nós mesmos.

Ponto de destaque na obra do autor é a compreensão de um mundo de pluralidade, apresentada no terceiro capítulo. Biesta dá partida com a definição de comunidade, concebida por Alphonso Lingis como um grupo constituído por vários indivíduos que possuem algo em comum e constroem algo em comum, e destaca um caso comum de comunidade, a racional, que é constituída por uma linguagem comum e uma lógica comum, incumbidas da tarefa de dar voz às pessoas, uma voz representativa, ou seja, aquela alicerçada na lógica e na linguagem dessa comunidade.

Por conseguinte, no capítulo 4 Biesta procura compreender o que é vir a um mundo repleto de outros que não são como nós e destaca que o que nos torna únicos e singulares é a subjetividade, é justamente a maneira como interagimos com os outros que são outros, pautando-se em Hannah Arendt, novamente, para tratar do assunto.

Do pensamento arendtiano, Biesta destaca dois pontos: o primeiro é aquele que diz respeito à nossa impossibilidade de vir ao mundo sendo nós mesmos senhores únicos do que fazemos, ou seja, a nossa vinda ao mundo

depende da atividade de outros que adotarão nossos inícios no mundo; o segundo ponto refere-se à afirmação de Arendt de que a liberdade só existe em ação com os outros. Só somos livres quando estamos com os outros, de modo que só somos livres num espaço mundano de pluralidade e diferença. Percebe-se que o autor apenas se posiciona ante os conceitos apresentados pela filósofa e, não apresentando contribuições significativas, dá a impressão de apenas parafrasear Arendt.

O capítulo 5, “A arquitetura da educação: criando um espaço mundano”, a princípio, nos parece um tanto estranho dentro da obra ou ainda nos leva a crer que o autor vai tratar de um aspecto abstrato. Todavia, o conceito de arquitetura não se mostra apenas no sentido metafísico, o que causa um pouco de falta de clareza durante a leitura. Ao contrário, Biesta nos remete a um espaço físico e busca na arquitetura encontrar o espaço mais próximo daquele pertinente à pluralidade e à diferença. Para pontuar uma analogia entre a arquitetura e a educação, visando dizer o que é responsabilidade e o que ela acarreta, Biesta traz conceitos da *bildung* (termo alemão comumente traduzido em Inglês como “edificação”) conceito absorvido da construção e traduzido para o Português também como edificação. Essa tradição deve originar respostas conceituais a desafios particulares como aquele da responsabilidade educacional, que para o filósofo tem a ver com a criação do espaço mundano já citado. Cabe salientar que Biesta sinaliza que a arquitetura tem um caráter funcionalista e que é importante que os arquitetos escapem desse funcionalismo, mas que, ao assim fazerem, devem abdicar da arquitetura. Voltando-se para um *approach* abstrato e citando Derrida e seu conceito de desconstrução daquilo que vemos, lemos e ouvimos, o autor afirma que o dever da arquitetura é estar preocupada com os espaços e os eventos que ali

ocorrerão, necessitando para o projeto, todavia, transgredir na abstração acerca desses aspectos, mais uma vez a confusão entre concreto e abstrato.

Biesta pensa que o educador também deve amparar a vinda de seres únicos e singulares ao mundo. Porém, se a vinda desses recém-chegados, segundo o conceito criado por Arendt, que caracteriza o ser humano como um “initium”, ou seja, um início e um iniciador ao mundo dependem de espaços mundanos plurais e diferentes, cabe ao educador a criação desses espaços. Gert Biesta demanda aos educadores e professores que o que rompe a comunidade racional pode ser justamente o ponto em que os estudantes começam a encontrar sua própria voz, única, responsiva e responsável. Sendo assim, a responsabilidade do educador não pode ser conhecida de antemão, visto que o educador não conhece aquilo pelo qual é responsável. Então, viemos ao mundo como seres únicos e singulares pela maneira como assumimos as diferenças dos outros e as interpretamos por nossa própria voz e não pela voz da comunidade racional.

Logo chegamos ao último capítulo, intitulado “A educação e a pessoa democrática”, que focaliza o papel da educação numa sociedade democrática e que, portanto, tem a ver com a concepção de pessoa democrática, sendo este, a nosso ver, o capítulo mais próximo do cotidiano e mais fácil de ser compreendido, ilustrando-se no dia a dia do professor e do estudante.

Biesta apresenta três respostas diferentes para o que seja uma pessoa democrática: uma individualista, conforme Immanuel Kant, que afirma que essa pessoa é aquela que pode pensar por si mesma, e por isso o sujeito kantiano é racional e autônomo, cabendo nesse caso, à educação democrática, liberar o potencial racional do sujeito humano. Biesta busca com seu conterrâneo, John Dewey, ilustrar a concepção social de pessoa democrática, uma alternativa à subjetividade kantiana. Para Dewey, a

interação é essencial, sendo que a comunicação se dá numa via de mão dupla, num processo prático em que padrões de ações são transformados comumente. Dewey não nega aos seres humanos a capacidade de pensar e refletir por si sós, o que ele questiona é que esse dom seja inato, defendendo que só nos tornamos o que somos por meio de nossa participação em um ambiente social. A terceira concepção de subjetividade da pessoa democrática, a concepção política, é ilustrada sob a influência do pensamento de Hannah Arendt e deve ser compreendida como uma qualidade da interação humana, ficando clara a preferência do autor por essa linha de pensamento, que é considerada por ele como aquela que fornece fundamento lógico para abordar a educação democrática, embora considere e sublinhe o pensamento deweyano. Para o autor, Hannah Arendt postula que a corrente que sustenta que a educação democrática deve ser aquela que prepara os estudantes e os recém-chegados para a participação democrática.

Aqui onde retomamos o pensamento de Arendt, a educação deve deixar de ser entendida como algo que acontecerá mais tarde, para ser o espaço onde os indivíduos podem agir e introduzir-se no mundo como sujeitos democráticos, desde o começo. Todavia, as escolas devem ter um ambiente educacional propício para oportunizar de forma real o contato do educando com a democracia. Biesta não mostra como construir a escola ideal para a educação democrática, afirmando ser uma tarefa árdua exercer uma educação que possa ser assimilada como democrática pelo aluno, esclarecendo ele próprio que suas sugestões nesse sentido são gerais e abstratas.

No epílogo, Biesta conclui que a responsabilidade dos educadores é aquela pelo que vai acontecer, sem ter conhecimento do que vai acontecer e de quem vai chegar (quem será o recém-chegado). Em vista disso, fica claro o título do livro – *Para além da aprendizagem* –, pelo qual Gert Biesta quer

apresentar para os educadores uma proposta que vá além do saber ler, escrever, desenhar etc., sem desconsiderar a importância dessas práticas e da aprendizagem, mas frisando que, para ele, a escola não deve restringir-se a isso, aspirando à formação de indivíduos únicos e singulares, destinados a se tornarem-se sujeitos democráticos, contudo a obra é totalmente calcada no pensamento e nos conceitos de outros autores que aqui foram reagrupados sob o olhar de Gert Biesta, inclusive no confuso capítulo 5, “A arquitetura da educação: criando um espaço mundano”. Destaca-se, deste modo, que é essa a principal contribuição do autor ou, dependendo de como o leitor debruçar-se sobre o livro e interpretá-lo, o ponto fraco da obra de Biesta, ou seja, trazer à tona os conceitos e posicionamentos de outros filósofos e estudiosos (Derrida, Dewey, Kant, Arendt, Levinas e Lingis) ao mesmo tempo em que se utiliza do pensamento deles para embasar a sua obra e estruturar o seu conceito de uma educação “para além da aprendizagem” calcada na democracia, para a inserção no mundo de indivíduos críticos e únicos.